

# O ENSINO DE FILOSOFIA NO 2º GRAU

MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA  
Professora do Departamento de Ensino  
Faculdade de Educação/UFPel

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, gostaria de lembrar-lhes o caráter deste Encontro (1): ele faz parte de um Ciclo de Debates e, assim, não estou pretendendo fazer uma palestra. Então, a princípio, eu levantarei alguns tópicos que julgo importantes em torno da questão da Filosofia no 2º Grau, para que tenhamos alguns elementos para discussão.

Num primeiro momento, devo colocar a minha situação de não-especialista no tema. O que se segue vem de reflexões sobre minha vida acadêmica, já que cursei Filosofia na Graduação. Todavia, meu curso de Mestrado é em Educação, nunca tendo exercido atividade de professora de Filosofia, sempre só ao nível de Faculdade de Educação. Mas, de qualquer maneira, eu tenho algumas outras reflexões que vêm de um trabalho - pequeno - em supervisão de estagiários de Filosofia, de leituras a respeito, e do meu próprio estágio na disciplina, realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS. Neste sentido, são estas questões que me têm feito pensar a respeito do papel da Filosofia no 2º Grau.

Um ponto interessante a comentar inicialmente é: o que as pessoas julgam que seja a Filosofia? Via de regra, observa-se que a noção que as pessoas possuem a respeito está muito alicerçada numa concepção de que a Filosofia tem um conteúdo estéril e verbalista. Pejorativo é chamar alguém de "professor de Filosofia" e, mais ainda, de "filósofo".

## SOBRE A NÃO-OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 2º GRAU

Sabemos que, a partir da concepção tecnicista de educação, cuja instalação foi intensificada, no Brasil, após o golpe militar de 1964, foi introduzida, ao nível do ensino, uma visão que procura, grosso modo, privilegiar aspectos técnicos em detrimento dos aspectos humanos em educação.

Vemos, então, que a Lei 5692/71, que fundiu primário e ginásio, buscou introduzir, no 1º Grau, a "sondagem de aptidões" e a "iniciação para o trabalho"; e, no 2º Grau, a "habilitação profissional". Também a partir dessa Lei ocorre uma aceleração na implementação dos cursos de Licenciatura Curta, e a retirada da obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia dos currículos de 2º Grau. Note-se, neste sentido, que o exame daquele momento histórico nos fornece elementos para compreendermos a situação da Filosofia hoje, em termos de seu ensino no 2º Grau.

(1) Este Encontro se propõe a ser um espaço de discussão, aberto a participação da comunidade, a partir de uma breve exposição sobre um tema de interesse educacional.

## SOBRE A SITUAÇÃO DAS ESCOLAS DE 2º GRAU, PRINCIPALMENTE NO ENSINO PÚBLICO

Eu meramente vou lembrar-lhes este tema, considerando que ele já foi trabalhado pela Professora Céres BONATTO (1992) no Encontro passado. Vocês, igualmente, devem ter uma compreensão do momento crítico pelo qual passa a escola pública, crise esta que também é uma determinante para entendermos a situação da Filosofia no 2º Grau.

## SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA

Concomitantemente ao tema anterior, devemos assinalar a situação do ensino de Filosofia na rede pública. Há uma diferença quanto ao seu ensino, dependendo do fato de sua execução ser feita na rede privada ou na rede pública. É uma diferença, via de regra, gritante, que se revela no número de horas/aula, na qualidade dos métodos e conteúdos ministrados, nas próprias características dos alunos de cada uma das redes, dentro e fora da sala de aula.

## SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NOS CURSOS DE ENSINO SUPERIOR E O ESTÁGIO DOS ALUNOS DESTES CURSOS

Aqui, eu começo a tratar de temas mais especificamente ligados à Filosofia, e que são muito mais difíceis de trabalhar-se pela falta de discussão a respeito. Um primeiro elemento sobre o qual podemos refletir é quanto à formação pedagógica do futuro professor de Filosofia, e sobre a sua formação específica. As licenciaturas nas instituições de ensino superior passaram a ter, a partir da reforma de ensino universitário (Lei 5540/68), uma formação que se divide entre a parte pedagógica e a parte específica. Então, nós temos as Faculdades de Educação, que ministram todas as disciplinas de caráter pedagógico aos Cursos de Licenciatura; e esses cursos ministram as disciplinas de caráter específico. Existe, aí, por consequência, uma dicotomia, entre aquilo que é "pedagógico", e o conteúdo, como se fosse possível separar a forma pela qual se ensina, daquilo que se ensina.

Isso nos traz uma série de dificuldades, porque só muito recentemente tem-se começado a pensar, inclusive aqui na nossa Faculdade de Educação, como podemos relacionar disciplinas de caráter pedagógico e disciplinas de conteúdo específico. Mas, vejam; a própria estrutura organizacional da Universidade dificulta o contato entre a Faculdade de Educação e os Cursos de Licenciatura, o de Filosofia entre eles.

Além disso, essa problemática lembra outra; a ligação entre o estudo acadêmico - aquele feito na Universidade - e a Filosofia no 2º Grau. Como este futuro professor de Filosofia tem uma formação geralmente distanciada do que acontece dentro de uma escola, pelas condições em que o ensino lhe é ministrado, considerando a pouca proximidade entre a Universidade e as escolas da rede pública, principalmente, eu creio que há uma dicotomia, também, entre o ensino acadêmico e a Filosofia que é ministrada no 2º Grau. Em última análise, fuge-nos o que deveria ser ensinado ao aluno de 2º Grau na disciplina de Filosofia, havendo uma definição pouco clara a respeito do sentido dessa disciplina no currículo do ensino médio. Considerando que não há obrigatoriedade, considerando que a disciplina é dada opcionalmente em algumas escolas, de maneira muito caótica, em virtude da falta de profissionais que lá a trabalhem, etc, penso que a Filosofia acaba sendo ministrada de uma maneira muito superficial, como "tapa-furo" - perdoem-me a expressão.

Explicita isso a experiência que tive como supervisora de estágio, em 1988. Neste ano, o Governo Estadual utilizou-se da medida conhecida como "Q.P.E" (Quadro de Pessoal por Escola) com o objetivo de buscar racionalizar a distribuição de pessoal docente e técnico-administrativo nas escolas. Em termos da disciplina de Filosofia, para ministrá-la, foram reconduzidos, algumas vezes, professores que, embora com formação na área, nunca tinham exercido a função de professor na disciplina, estando trabalhando com outras disciplinas, ou em funções burocrático-administrativas. Isto contribuiu para piorar, ainda mais, o ensino de Filosofia no 2º Grau.

Bem, pensando em perspectivas para o ensino dessa disciplina no nível médio, é bom lembrar da necessidade de atuação conjunta entre as escolas e a Universidade, esta última considerada ao nível dos professores do curso de Filosofia e dos professores da Faculdade de Educação. Poderíamos tentar atividades que envolvessem os estagiários, os professores responsáveis pela disciplina de Filosofia nas escolas e os próprios supervisores de estágio, ao menos. (Aqui na Faculdade, já existem projetos deste gênero em algumas práticas de ensino.) De tal maneira que esse professor que cede sua sala de aula para o estágio tenha oportunidade, naquele período, de capacitar-se na Universidade, de trabalhar conjuntamente com os estagiários, esses tendo possivelmente propostas novas a apresentar ao professor na escola, mas, por outro lado, necessitando receber um pouco da experiência do mesmo.

#### **SOBRE O OBJETIVO A ATINGIR COM A DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO 2º GRAU: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS**

De algum tempo para cá, tem-se insistido muito na introdução, como obrigatórias, das disciplinas de Sociologia e Filosofia no 2º Grau. As preocupações, no entanto, têm-se dirigido mais às questões políticas desta "introdução", isto é, como poderemos vencer as dificuldades de implantação dessas disciplinas. Há uma preocupação menor quanto a questões de fundo, como em relação ao papel da Filosofia no 2º Grau, a estruturação de seu ensino, conteúdos e métodos a serem utilizados.

Inicialmente, eu resgato a impressão que temos ao chegarmos a uma escola e entrarmos em contato com o aluno secundarista. O que espera o adolescente de sua vida, do mundo? Nós temos dificuldade de entender quem é esse adolescente, que vive no mundo de hoje, e que tem muito poucas expectativas quanto ao futuro. O jovem, hoje, no Brasil, não tem expectativas quanto ao emprego, quanto ao futuro profissional etc. Se nem ao menos há possibilidade de emprego, quanto mais de futuro profissional!

Nesse sentido, creio ser muito problemático irmos para uma escola sem essas reflexões presentes: qual nossa percepção sobre o que o adolescente pensa do mundo, da vida?

A esse respeito, costuma-se perguntar se o ensino filosófico é adequado à maturidade do adolescente. Já aqui começa a esboçar-se uma determinada concepção sobre o que seja Filosofia, e o que deva ser Filosofia no 2º Grau. Eu julgo que, para chegarmos a uma conclusão sobre o que seria adequado ao adolescente, do ponto de vista da reflexão filosófica, nós deveríamos pensar que é importante, para qualquer ser humano, principalmente para aquele que está em estágio de formação, refletir sobre o seu tempo, sobre o valor do pensamento e sobre a expressão do pensamento. Sabemos como a juventude tem dificuldade de expressar seu pensamento, de refletir a respeito do mundo.

Há algumas coisas, dentro deste ponto de vista, que podemos reconhecer como importantes num pensar filosófico. Há elementos referentes à Teoria do Conhecimento: como as pessoas conhecem? Qual o sentido do conhecimento no mundo? Há pontos relativos à Antropologia Filosófica: qual a situação, qual o papel, qual o "destino" do homem no mundo? Como se articula a ação humana com os valores? (Axiologia.)

Essas questões estão presentes no cotidiano, nas mínimas coisas em que se possa pensar. O "furo" que alguém venha a fazer em uma fila numa casa bancária, por exemplo, é uma questão de valores. Mas, assim como temos dificuldade em entender o que é Filosofia, não conseguimos pensar, também, que a análise das atitudes cotidianas possa ser tratada filosoficamente.

Então, eu penso que o objetivo que deveríamos buscar atingir com a disciplina de Filosofia no 2º Grau, é tratarmos essa disciplina como um saber fundamentador, que oferece bases. De tal maneira que possamos despreender esse conhecimento - filosófico - de outros conhecimentos. Por exemplo, qualquer ciência que venha a ser desenvolvida como campo de saber na escola: é possível fazer reflexão filosófica a respeito dessa ciência e de seus conteúdos.

Todavia, há um problema nesse processo: nas escolas, não há interdisciplinaridade. Os conhecimentos são tratados de maneira estanque. Assim, se os saberes são compartimentalizados, se há um momento em que o aluno tem aula de Estudos Sociais, outro de Matemática, outro de Ciências, outro de Filosofia, fica difícil de demonstrar como os conhecimentos se relacionam e como a Filosofia pode contribuir para pensar-se os conhecimentos dados nas demais disciplinas. Qual o sentido de, ao estudar-se uma ciência, se refletir sobre o papel dela no mundo?

O conhecimento científico é desenvolvido de uma tal maneira - e eu fa dizer "dado" - que a população nunca tem condições de decidir a respeito do sentido da utilização da

ciência. Quando uma usina atômica é construída, a decisão é científica, técnica. Na realidade, traveste-se uma decisão política, dizendo-se que esta decisão foi tomada em nome da ciência, para o "bem-estar de todos". O que deveria acontecer, nessas circunstâncias, seria uma decisão tomada pelo conjunto de indivíduos atingidos mais diretamente pela medida, caso esses indivíduos possuísem poder político e elementos para refletir filosoficamente a respeito.

### **SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 2º GRAU: CONTEÚDOS E MÉTODOS**

Finalmente, tratarei do ponto referente aos conteúdos e métodos da Filosofia no ensino médio, desse ensino que eu levantava antes como uma necessidade do indivíduo encontrar-se a si mesmo, ter condições de refletir sobre o seu tempo, de elaborar um pensamento próprio sobre a realidade. Então, como fazer isso?

Nós chegamos a uma escola de 2º Grau, qualquer professor sabe disso, um professor de Filosofia talvez sofra mais pela caracterização pejorativa que sofre a Filosofia: "Lá vem o professor de Filosofia! A aula que serve para "tapar furos", onde não se precisa estudar muito". Via de regra, o próprio professor não tem condições de refletir a respeito das questões que vimos tratando, sobre o papel da Filosofia nesse nível de ensino.

Nesse sentido, muitas vezes, os estagiários questionam: "como fazer para motivar os secundaristas? Como fazer pra que eles me dêem atenção?" Realmente, isto é uma coisa muito difícil: fazer um secundarista dar atenção a uma aula de Filosofia!

Quanto a isso, creio que a primeira coisa é reconhecer o que eu falei inicialmente: que o ensino filosófico atual, muitas vezes, é verbalista e estéril. Não consegue se fazer sentir na vida das pessoas. Considerando essa primeira premissa, eu também penso que a Filosofia é um conjunto sistematizado de conhecimentos. O que quero dizer com isso? Quero dizer que não estou afirmando que, em Filosofia, cada um pensa o que quer, cada um tem uma idéia, ninguém chega a um acordo a respeito de nada. Isto é outra confusão a que as pessoas chegam: filosofar é meramente manifestar opinião a respeito de alguma coisa. Do meu ponto de vista, há possibilidade de resgatar, inclusive historicamente, a posição de diversos pensadores a respeito de uma temática específica. A Filosofia, nesse sentido, torna-se um conjunto sistematizado de conhecimentos, passível de ser transmitido a outras pessoas.

Como poderíamos fazer essa estruturação do ensino de Filosofia, se queremos que ele não seja verbalista e estéril, motivando o aluno, que vive em uma situação de descrença em relação ao seu futuro? Há dois caminhos, que podem ser concatenar, dependendo do estágio de nossa luta pela melhoria da qualidade da escola pública. Um seria o seguinte: que o aluno tivesse contato com temáticas específicas, que seriam a base do ensino de Filosofia e que, gradativamente, elas pudessem ser analisadas em linguagem filosófica. Ou seja: que os estudantes pudessem, aos poucos, ter condições de, a partir de temas específicos de interesse, chegarem à capacitação para analisar questões fundamentais.

Um outro caminho, ligado a esse, diz respeito ao

contato com textos originais. Embora eu julgue que não devamos ter aquela posição comentada, sobre o "verbalismo", isto não significa que o aluno não deva ter contato com o que chamamos de "clássicos". Porque, afinal de contas, esses "clássicos" são o saber sistematizado a respeito de diversos temas. Acontece que a forma que utilizaremos para desenvolver o uso dos clássicos vai depender do que mencionei antes: do estágio de nossa luta pela qualidade da escola pública, da capacidade de intervenção do professor em sala de aula, do processo de motivação desenvolvida nos alunos, da ligação que o professor tiver com os mesmos quanto ao crescimento que o grupo obteve em seu processo de discussão etc.

Para isso, é necessário que o professor respeite o aluno. Que ele não dogmatize o conhecimento e considere que sua posição é uma entre as que possa existir em torno de um determinado tema. Esse professor tem de ser aberto a diferentes correntes de pensamento. Ocasionalmente não nos damos conta disso, mas se queremos que o aluno reflita sobre a realidade, posicionando-se a respeito dela, é necessário apresentar-lhe a maior gama possível de possibilidades de pensamento quanto às questões discutidas. Caso contrário, acabaríamos por tentar impor uma verdade.

Mas isto também causa dificuldades: se apresentamos uma gama muito variada de possibilidades para respondermos a um problema, o aluno pode cair no ceticismo: então, tudo é possível, ou tudo é relativo, todas as respostas podem ser corretas, ou não há respostas corretas. Estas dificuldades devem ser tratadas no sentido de que os estudantes se tornem, pouco a pouco, capazes de poder perceber que posicionamentos diferentes são uma das características do pensamento filosófico, constituindo-se este na busca do saber. O cerne do conhecimento filosófico é o princípio de que ninguém detém a posse do saber, sempre se o busca, ele está sempre sendo acrescentado e se modificando historicamente, o que é diferente de dizer-se que nada vale, ou tudo vale.

Outra coisa da qual os alunos reclamam muito. Vejam: em minhas aulas já ocorreu de discutirmos o que não deve ser dado em Filosofia no 2º Grau. Dizem meus alunos: devemos lecionar Filosofia, e não História da Filosofia, acontecimento muito comum nas escolas de 2º Grau. O professor de Filosofia se restringe ao ensino de História da Filosofia, começando, via de regra, pelos pré-socráticos, estendendo-se no máximo a Sócrates, Platão e Aristóteles. Efetivamente, o aluno não consegue relacionar esses conhecimentos com as questões do seu dia-a-dia. Estudar Filosofia reduz-se a saber que Fulano nasceu e morreu em tais datas, tendo trabalhado com tais ou quais assuntos, e ponto final.

Então, é necessário tentarmos elencar as disciplinas filosóficas, e, considerando as temáticas e os textos originais sobre os quais já falei, procurar determinar em que momento do curso se utiliza uma ou outra das disciplinas filosóficas. Por exemplo: Antropologia Filosófica, Teoria do Conhecimento, Axiologia, História da Filosofia etc.

Ao nível metodológico, se o ensino de Filosofia deve buscar que o aluno se encontre a si mesmo, a postura do professor - e isso eu retiro de um autor português chamado GILLOT (1976) - deve ser uma postura socrática. Sócrates foi um pensador que praticava a maiêutica, processo de reflexão através do qual procura-se fazer com que as pessoas se

descubram a si mesmas, que elas desvelem o conhecimento por si mesmas, que elas, por assim dizer, "nasçam". Assim, esse processo metodológico no trato com os alunos deve permitir-lhes, gradativamente, por intermédio do debate, do esclarecimento de posições diferenciadas, da reflexão coletiva, o discernimento de algumas questões fundamentais.

Esse método é diferente de chegar-se aos estudantes e colocar-lhes questões prontas a respeito de tal ou qual assunto.

Por último, lembro a necessidade de tentarmos, de maneira gradativa, o exercício da interdisciplinaridade na escola. Buscamos superar a compartimentalização que faz com que cada professor dê a sua disciplina, o que delega à Filosofia a exígua oportunidade de realizar-se dentro da 1 hora/aula, ou, no máximo, 2 horas/aula semanais onde há a disciplina, no 2º ou 3º anos do 2º Grau. Através da interdisciplinaridade, teríamos a possibilidade de executar um trabalho conjunto entre os diferentes professores, de tal maneira que aquele assunto a ser trabalhado na aula de Física, por exemplo, possa ser trabalhado igualmente na aula de Filosofia, com as abordagens específicas que a Física e que a Filosofia dão ao conteúdo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONATTO, Ceres M. T. Formação de professores. *CADERNOS DE EDUCAÇÃO*, Pelotas, n.1, p.3-5, dez.1992.

GILLOT, F. *Do ensino da filosofia*. Lisboa: Horizonte, 1976.

**UNITERMOS:** Filosofia; Ensino de Segundo Grau; Educação; Formação Profissional.